

Médico anuncia nova droga contra vitiligo

Farmacólogo cubano diz que produto pode ser usado apenas uma vez ao dia e dispensa banhos de luz; produção deve começar em 2 anos

WALTER FALCETA JR.

O médico farmacólogo cubano Carlos Miyares Cao, descobridor do medicamento melagenina, usado no tratamento do vitiligo, anunciou o desenvolvimento de um novo remédio, mais eficaz contra a doença. Nas palestras que fez esta semana em São Paulo, Cao afirmou que a melagenina 2 segue o princípio ativo da loção hoje usada nas clínicas cubanas. "É uma substância mais refinada, com efeito mais intenso, que pode ser usada apenas uma vez ao dia e dispensa os banhos de luz infravermelha", afirmou.

Cao apresentou trabalhos sobre o novo medicamento no Congresso Mundial de Dermatologia, realizado no mês passado, em Nova York. O remédio hoje comercializado deve ser ministrado três vezes ao dia e sua ação depende em parte de banhos diários de luz infravermelha. A droga, já utilizada experimentalmente em Cuba, deve ser produzida industrialmente em dois anos.

Aproximadamente 1,4 milhão de brasileiros sofrem da doença. No mundo, as vítimas da enfermidade, tida por muitos médicos como incurável, somam 50 milhões. No final da década de 70, a melagenina, uma lipoproteína (molécula de gordura e proteína) extraída da placenta humana, tor-

Receita cubana

A melagenina 1, usada desde 1978 pelos cubanos, favorece o processo de repopulação dos melanócitos, as células da pele que produzem a melanina (pigmento da pele)

O medicamento estimula as células existentes a produzir maior quantidade de melanina nas regiões afetadas

Os banhos de luz infravermelha aceleram a ação da melagenina, uma lipoproteína extraída da placenta humana

A melagenina 2, também extraída da placenta, é mais refinada que o medicamento anterior. Produz efeito sem auxílio dos banhos de luz

nou-se uma esperança no combate à doença. Milhares de pessoas iniciaram peregrinações médico-turísticas a Cuba em busca do remédio.

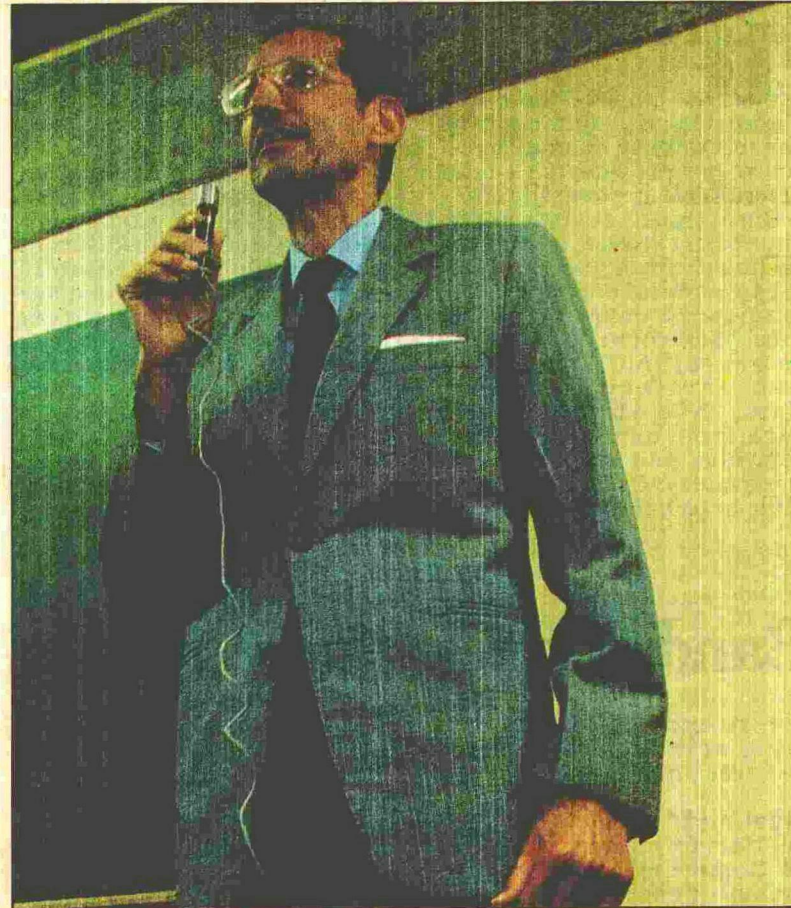
Cao, que é ginecologista, fez sua descoberta enquanto investigava o uso de substâncias que evitassem o parto prematuro. Durante as experiências, percebeu que uma das substâncias tornava mais intenso o processo de pigmentação dos

mamilos da cobaias. As pesquisas sobre a origem da doença e possíveis tratamentos prosseguem em Cuba, realizadas pelo Centro de Histoterapia Placentária.

Em novembro, a empresa Servimed, de Cuba, inaugurou no bairro de Indianópolis, na Zona Sul, o Centro Médico Brasil-Cuba (telefone 549-7310), dedicado exclusivamente ao tratamento da doença. Pouco mais de 1.200 pacientes já foram atendidos na clínica. Segundo uma das médicas responsáveis pelo centro, a dermatologista Maria Luiza Sannini, os resultados têm sido satisfatórios. "O tratamento dura no mínimo um ano, mas em oito meses já registramos duas curas totais", afirma. Maria Luiza estima em 75% os pacientes que apresentam melhora significativa.

Registro — A diretora da empresa Cubanacan no Brasil (holding das empresas cubanas), Grisell Marrero, anunciou que o centro de São Paulo deverá destinar 5% de suas vagas a pacientes sem recursos. "Isso depende da homologação do registro sanitário do medicamento", disse. O registro é fornecido pelo Ministério da Saúde. Hoje, a consulta inicial e as sessões de fototerapia custam US\$ 130 (Cr\$ 585 mil). O frasco de Melagenina, com 235 ml sai por US\$ 23 (Cr\$ 104 mil).

Luiz Prado/AE



Nova esperança

Médico cubano Carlos Miyares Cao: melagenina 2 é uma substância mais eficaz no combate à doença

Remédio cubano provoca polêmica

Apresentada pelos cubanos como um medicamento eficaz em 84% dos casos, a melagenina ainda desperta a desconfiança dos médicos. Segundo eles, a eficácia ainda não foi comprovada em pesquisas confiáveis. "Os estudos realizados não têm bases científicas adequadas", opina o dermatologista Mário Grinblat, do Hospital Albert Einstein. Grinblat afirma que 13 de seus pacientes já se trataram com o método cubano, sem evoluções satisfatórias.

O presidente da Seção Regional da Sociedade Brasileira de Dermatologia, Norberto Belliboni, conta que dos seus clientes que se submeteram ao tratamento apenas 4% tiveram melhoras significativas. "A droga ainda carece de experimentação", afirma.